

## Metodologia de Afetos em Laboratório, 2004-2015: Quê mundo é este?

Roberto José Moreira

### Introdução

Em um dos textos sobre a Turma de 2004 de Natureza e Sociedade escrevi: As aulas de sexta-feira se constituem em um verdadeiro laboratório de percepção sensorial. Esta escrita me fez refletir sobre os 11 anos de prática pedagógica dos afetos que se construía ao mesmo tempo como uma pedagogia de percepção, plena de corporeidade, auto-reflexiva, própria de uma ciência reflexiva e plena de humanidade. Até agora havia refletido visando uma teorização-metodológica dessa pedagogia.

Por associação pensava vagamente de sua relação com sociologia dos afetos e da interação de Norbert Elias, com fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty e não-husserliana, como a prática Castoriadis. Com minhas escritas sobre identidades complexas acionava problematizações que faziam aparecer no olhar atento das interações *ser humano-natureza-ser humano*, ou, mais corretamente *natureza-ser humano-natureza*. Procurando entender a movência dos humanos no magma societário imaginariamente instituído, cuja realidade vivida sempre seria mediada por signos e símbolos, falava das complexidades internas e externas constituindo comunidades e individualidades. Mais recentemente mergulhei nas dialéticas complexas das dimensões consciente-inconsciente – subjetividades individuais e coletivas – levado em conta a postulação da alma arcaica junguiana que, com uma psicologia profunda, argumenta estar presente em todos nós, carregando a passagem de pré-homídeos para homídeos, uma alma animal, selvagem dos primórdios das criações culturais. Sempre presente em nós, visto que emergimos, como humanos, da dinâmica orgânica da biodiversidade planetária. E, esta alma, por sua vez não poderia ser entendida sem os fenômenos geólogos distantes e inacessíveis que formaram o planeta, a terra e o sistema solar: nesta perspectiva somos identidades e comunidades socioecocósmicas territorializadas.

Intuitivamente adotei um procedimento que se tornou eficaz e necessário para a prática do controle da subjetividade e do exercício de um pesquisador crítico de suas escolhas, reflexivo, capaz, portanto de reconhecer-se no próprio processo de pesquisa tratando eticamente suas atividades.

No que poderiam as aulas práticas potencializar meu ensino de Natureza e Sociedade (IH 1527) e Teorias Sociais Contemporâneas (IH 1505), fundamentais, respectivamente para o mestrado e o doutorado do Programa CPDA. O cuidado era com aquilo o Mito da neutralidade científica, que gera no pesquisador o sentimento de objetividade e não assume as responsabilidades de suas escolhas e desejos.

De fato, a questão é que mundo é este, sem emoções sentimento e almas? Pura ilusão não? O mundo físico, bioquímico orgânico são sensitivos. A água, por exemplo, em suas interações com o não-água pode tornar-se cristais de gelo, vapor ou líquido. Quais são os fenômenos não humanos que produziram o ferro, o diamante, as areias, os desertos, os picos e vales, rios e mares, biodiversidades e...e...e. Se desses fenômenos geológicos surgiram a vida orgânica, com sua a biodiversidade, vegetal e animal, e nós mesmos os humanos, como postular o humano sem sentimento e emoções. O mundo da neutralidade científica é um Mito.

Que mundo seria este outro, o humanizado?

Neste mundo a ciência teria que reconhecer essa humanidade, ser deixar de ser ciência, ou seja produzir conhecimento sistematizado, reconhecendo que diferentes sistematizações produzem diferente realidades, resultados. A metodologia do afeto em laboratório, teria então de ser capaz lidar com isto. Esta obra é um relato da uma experiência nesse sentido, seu sucesso, a meu ver, tornou-se nesses 11 anos a mim e meus alunos, uma prática mais prazerosa de ensinar e aprender. Simples assim... Espero que essa demonstração do método seja convincente, não por isto, mas também por sua eficácia, e por fazer pensar sobre os sentidos de nosso mundo.

### **Da intuição ao método.**

O que quero aqui é revelar resultados de uma pedagogia praticada e que, parece-me, gerou um caminho que tenho trilhado e que agora posso e quero socializar. Este foi um dos motores que me fez ressuscitar o projeto antigo, partilhado com Cleyton Gerardt e Renata Éboli, de publicar aquela experiência da Turma de 2004, sem sucesso em 2005 e 2007.

Penso que a prática, ao longo de 11 anos, percorrido e inventado coletivamente, praticando-se, virou um método. Com começo, meio e fim. Consolidou-se duas etapas, a inicial que seria fazer gerar a passagem de um cientista que olha seu objeto à distancia, com a ilusão de que são duas coisas, o sujeito e o objeto; para uma ciência

ciente de que somos e estamos amalgamados, nós e os objetos, a sociedade e a natureza, em algo mais complexo no qual atuamos criativamente mas, que nesse processo, as interações nos criam dinamicamente. Assim, de um *observador participante* pensado e vivido como separado, as experiências procuravam fazer surgir o *observador-participante*. Cumpre reconhecer que tal processo conteria uma reflexibilidade crítica: uma ciência com a prática reflexiva contida em seu método.

A expansão de uma prática assim postulada, significava promover, para além da razão (teoria) e do olhar (a visão), a convicção interagimos como uma corporalidade - corpo e seus sensores de sentido - mesmo que não tenhamos ainda ciência disto. Obviamente, no passado remoto este não era um problema humano, a animalidade sempre esteve forte e presente entre os coletadores-caçadores, em um tempo longo antes da revolução agrícola e a emergência de povoamento. Também aí, os sentidos ainda eram bem presentes. É na modernidade, entendida aqui restritamente, como resultados da revolução científica, da industrialização-urbanização e das revoluções burguesas que nega-se corpo-mente-natureza como amalgamados. Com tal reducionismo, negasse também os sensores sutis das intuições, da contemplação e das epifanias das descobertas a elas associadas. Sutilidades sensitivas que dariam acesso ao divino ou às pulsões energéticas imperceptíveis pela realidade observável no campo científico.

As práticas científicas, pelo menos, nas Ciências Sociais, mas não só, pois todas as ciências são humanas: são feita por humanos, deveriam atentar para a corporalidade dos cientistas, controlando seus efeitos, mas potencializando sua ciência, humanizando-a.

Se isto é verdadeiro, a busca de métodos que possam ampliar a percepção fenomenologia do *cientista-participante* é uma questão relevante a todas ciências. Afinal o xamã e o físico são igualmente humanos. O processo deveria, intuía eu, provocar estados alterados de consciência e ao mesmo tempo controlá-lo.

Problematizar a realidade é um dos processos controlados de alteração da consciência, não. Já fazemos isto. Na medida em que a potencialidade da ciência estaria associada a discutir e duvidar também de seus fundamentos, os estados alterados de consciência estariam naquilo que, a cada época e contingência, é denominado de ciência crítica. A interdisciplinaridade tem sido desqualificada pelo paradigma hegemônico, para algum seria uma não-ciência. Uma ciência ideologizada, como se todas não o fossem.

A questão do estranhamento do dado (do naturalizado e do reificado) e sua desnaturalização é prática da ciência reflexiva que critica o próprio conhecimento que gera, sem uso de drogas ou mesmo plantas xamânicas, mas pelo método, por geração de categorias analíticas sócio-políticas ou socio-técnicas adequadas aos fenômenos analisados. Sua adequação só se poderia deve passar por teste de realidade; testar praticando é o sentido geral de práticas de Laboratório.

Confesso sem nenhum preconceito profundo contra as experimentações e uso de psicotrópicos naturais ou artificiais, ou mesmo, de práticas de meditação/contemplação em ambientes socio-históricos os mais diversos. Eu mesmo desde 1987 pratico rotineiramente meditação dinâmica do Tai Chi Chuang e de respiração consciente do Chi Kung. Ambas potencializadoras de sensibilidades corpóreas, externas e internas, dos fluxos energéticos, promovendo equilíbrio corporal-espiritual podendo, também serem vistas e praticada como equilíbrio energético. Na origem eram lutas marciais. Vejo positivamente mesmo aquelas da contemplação e de técnicas que buscam o acesso ao Divino.

Talvez esteja aí a minha convicção, em 2004, da necessidade de agudizar os sentidos na formação do cientista, fortalecendo sua própria humanidade. São processos que - antigos ou pós-modernos - promovem adensamentos da imbricação mente-copo-fenômenos da natureza, obviamente distinta daquela de nossos ameríndios, mas próximas da antropologia da ciência de Latour, para quem, nós os cientistas nunca fomos modernos.

Disse nosso e não do ameríndio que está em mim - e sempre esteve -, como tende nos ensinar a postulação junguiano da alma arcaica, de Gambini sobre a alma brasileira, ambas sempre presente em nós, ou mesmo os estudos como de Viveiros de Castro (a inconstância da alma ameríndia), de Roger Bastide (alma selvagem) e Mircea Eliade (sagrado e o profano). Há uma fenomenologia concreta para a manifestação destes fenômeno que denominamos de alma, como veremos. As questões o mistério da vida: de onde viemos (?), para onde vamos (?) e de como agir dando sentido à existência (?), sempre foram e são partes do fenômeno humano. Se se isto é verdadeiro, as Ciências Sociais necessitam serem humanizadas, e acolher as dimensões não-profanas da vida social, mesmo que o próprio cientista não o seja. Simples assim, é necessário reconhecer que estes fenômenos não estão no passado, mas no nosso dia a dia e no

daqueles que nos cercam e que pesquisamos; estejamos, com tais fenômenos, interagindo consciente ou inconscientemente.

Se assim é, como não fazê-lo surgir em um ensino humanizado?

As práticas que adotamos fizeram surgir tais questões, como pode ser visto nos registros discursivos da Turma de 2004 que aqui, neste livro analisamos, e nas seguintes, sem exceção. Fazer com que o ouvir, tocar, cheirar, sentir, etc, seja realizado conscientemente, curiosamente altera o que considerávamos ser o próprio objeto. Esse movimento perceptivo foi e é parte fundamental desta pedagogia.

Na prática não acionamos somente afetos abstratos, mas também os da concretude dos corpos que em movimento exercem algo que nem pensamos ser um dos sentidos do corpo: o equilíbrio. Depois que apreendemos a andar, lá na tenra idade, esta dimensão da tecnologia do corpo sai da nossa percepção, exceto quando nos falta, por doença ou velhice. Sem o equilíbrio físico corpóreo é difícil qualquer equilíbrio mental ou espiritual, por exemplo. Quais seriam então as interações que nos equilibram? Newton já analisou-as como sendo as leis da gravidade. As leis da gravidade expressam fenômenos de interações celestes, que atuam em nós independentemente de nossa vontade. Com tudo o que isto pode significar, este seria um dos fundamentos que nos faz humanos. Terrestres. Territorializados. Terráqueos com que uma pátria profunda e comum, geológica mesmo, de nossas identidade socioecocósmica, em minhas palavras.

Para não ficar apenas nas cosmologias do concreto material e natural que denominamos de superfície terrestre, reconheçamos as estrelas, o sol e a lua, o céu sem fundo que vemos como um teto que nos acolhe e protege. O ar, os ventos... Enfim tudo isto está atuando em cada um dos atos que fazemos e vivemos, somos terra-água-ar-vida, mas também sol, lua e estrela; calor e frio. Nossa ambiência e nós mesmos estamos em complexas redes de interações. Com estas interações a fenomenologia dos humanos tem sua existência nos dias e noites, nas sazonalidades de estações, distintas e diversas entre os polos, em zonas frias, temperadas, tropicais e equatoriais, nos rituais de plantios e colheita, etc., até ao infinito.

Vivemos tudo isto com representações imaginárias..., não? Às vezes tão fortes e equivocadas que esses elos profundos de interação ecocósmica, principalmente nas metrópoles, desaparecem. Não da concretude da vida, mas de nossa consciência e da realidade por nós imaginada.

A ciência moderna que postulou, e nos criou acreditando, ser o corpo separado da mente (o sujeito da razão cartesiana, do Iluminismo e do liberalismo) ainda está presente na cultura. Na dimensão macrossocial, a cultura científica nos fez crer em outras clivagens: natureza e sociedade, natureza e cultura e em crer em uma humanidade que se vê e se sente soberana e dominadora sobre a natureza. Este poder imaginado sobre a natureza, desigualmente distribuído, é fundamental na produção das desigualdades entre os próprios humanos. Dificulta ou mesmo impossibilita a alguns, não poucos, o acesso à proteção das intempéries climáticas, ao ar, à água, ao alimento e ao próprio sentimento de ser humano. Ou, seja, ao assim resultar impossibilita-os ao acesso livre às pulsões energéticas da vida e do viver. Fazer voltar isto, ou seja, fazer voltar estas indagações ao ensino humanizado, faz parte deste processo de promover no *observador-participante* a capacidade de sentir o mundo como o amálgama natureza-sociedade.

É este aluno – *observador-participante* - que escrevia a cada semana 10 linhas sobre o vivido nas experiências com objeto e palavra. A concretude etérea de viver com os sentidos aguçados - e sempre ainda pouco aguçados - nos aparece na técnica de Laboratório. Quando vivendo uma supostamente *mesma* experiência prática e fazemos registros, em separado, sem conversar sobre o visto e sentido com os demais, a socialização do presente é bloqueada. Fica apenas no registro e na sensação, intuição do que é que os outros perceberam e registraram. A pergunta: será que perceberam e sentiram o que senti, por si só, coloca dúvida no que foi observado, não? Os registros discursivos, sua leitura em conjunto, no Laboratório seguinte confronta as percepções múltiplas. Promove uma dialogia da multiplicidade e da diferença. Nos faz viver e reconhecer nossos pré-conceitos, nossa cultura, nossa história e nossa posição social. Vemos coisas diferentes. Sentimos e vivemos realidades distintas Esta percepção – insisto, vivida e não intelectual, com certeza nos sensibiliza para o saber e o modo de ver do outros. E, a própria realidade que se expande para todos os participantes. A ciência só poderia ser, então, uma ciência da incerteza, compôs de possibilidade. Derruba-se assim, na vivência e não na teoria, o Mito da ciência moderna. Sua arrogância de um saber superior viabilizando a compreensão de a verdades como a própria vida são contingência das interações.

A técnica: aos alunos era solicitado que enviassem por, email, o escrito de sua observação ao docente. Este, num corte-cola criava a coletânea de registros narrativos, identificando seu autor. Na aula seguinte: projetando a coletânea, solicitava que o autor

de cada registro lesse, apenas lesse, o escrito. Promovia-se, assim, um fato inédito na comunicação dialógica rotineira, que por sua dinâmica, o dito por um cria as condições do dizer do outro, interagindo e mesmo condicionando o que o outro pode dizer. Após a leitura, o instante do registro, já passado há uma semana, voltava à cena discursiva e, as diferenças observacionais eram explicitadas.

A segunda etapa – a das análises, também expressa em discursos narrativos interpretativos curtos enviados ao professor durante a semana seguinte, visava transformar o comportamento dos alunos, que de *observado-participante* – aquele já com uma consciência desperta, aguçada, atenta e, fundamentalmente aberta aos fenômenos vividos, portanto aberta aos outros da humanidade e aos outros da natureza – passa, agora, a ser tensionado pela vivência dos fenômenos produzidos no Laboratório dos Afetos, se podemos assim falar, à tarefa de analisar o já escrito nas experiências praticas anteriores. Aqueles discursos, registrado em coletâneas, já havia sido enviado pelo professor aos seus alunos, Cada aluno deveria arquivar estes dados, para esta posterior análise, dentro delas, seu próprio discurso vira dado. Correto? Para passar a ideia as coletâneas eram os dados de campo, a matéria prima das análises discursivas interpretativa que deveria serem realizadas nesta segunda fase do Método. O aluno observador-participante é assim estimulado pela metodologia a mudar de posição. Passa a se posicionar como *pesquisador-participante*. Isto, parece-me uma prática radical de autoreflexão coletiva semanalmente possibilitada pelos encontros no Laboratório. Passa-se a desconfiar de sua própria capacidade de conhecimento e de que se sua interpretação estará compatível com as demais. O objeto de análise do aprendiz de cientista são os discursos gerados anteriormente, inclusive o seu próprio, todos produzidos durante a primeira etapa da prática laboratorial, relembro.

É importante esclarecer, ainda, que o Laboratório não era um espaço físico distinto do espaço das aulas teóricas.<sup>1</sup> Era, no entanto, a expressão da natureza das atividades propostas, que ao serem propostas, mudava a natureza do ambiente, de aulas teórica para práticas. Percebia-se mesmo mudança no comportamento, no jeito de sentar, na atenção. As fotos, já vistas dão a concretude imagética dos equipamentos e instrumentos de Laboratório que utilizamos.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

---

<sup>1</sup> Ver as duas Galerias de fotos alusivas a estes eventos. Uma na Apresentação e a outra aqui, logo à frente.

A metodologia e a pedagogia de afetos foram, na sua totalidade, possibilitadas pela comunicação eletrônica da digitalização computadorizada - os endereços eletrônicos e comunicação digitalizada via internet -, em uma ampla e eficiente comunicação semanal mediada por fluxos de signos digitalizados, ao mesmo tempo, eficiente e de baixo custo. Podemos dizer que o Laboratório construiu-se na sujeição maquínica e das pulsões mediadas por ondas eletromagnéticas próprias do domínio humano da tecnologia quântica contemporânea.<sup>2</sup> Uma tecnologia dos fluxos quânticos, de dados em nuvens: puro delírio da mente, se o domínio do conhecimento do mundo físico fosse ainda newtoniano.

Nesse campo tecnocientífico a possibilidade do vir a ser desta pedagogia seria expressão das contingências maquínica de armazenamento de dados e de comunicação tecnológica internética, bem como das contingências sócio-históricas do próprio Programa CPDA, do Instituto de Ciência Humanas e Sociais da UFRRJ no campo mais amplo das Ciências Sociais.

Naquela ambiência da Reforma do Programa de 2004, instituiu-se aulas teóricas e práticas em disciplinas de mestrado e doutorado. A busca de compreensão das interações Ser Humano ↔ Natureza no contexto posterior aos movimentos da contra cultura de 1968, marcou uma época de multiplicidade de movimentos críticos, dentre eles o feminismo e o ecologismo, aqui pensado em suas radicalidades críticas e suas tensões na renovação da tradição das teorias críticas. Hoje muitas disciplinas não mais se pensam com atividades teóricas e prática; as próprias aulas do professor Moreira, apesar de respeitadas parece não serem entendidas.

Nos anos seguintes novas atividades laboratoriais foram experimentadas com algumas modificações dentre elas a principal foi cuidada para um debate e procedimento nos quais os próprios alunos *observadores-participantes* decidiriam a identificação que os representassem ou que representassem os processos vividos. As identificações produzidas foram: *Terra Mãe, Sem identificação, Caleidoscópio, Olhares cruzados, Me conhecer-nos, O poço, Ahn!!!, ETNOP, Desafio e tempestade numa miscelânea de ideias: retratando a experiência e compartilhando imaginários por nós mesmos, O vir a sere Travessia e Olhares*. (Tabela 1), que doravante identificaremos como comunidade.

---

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari (1995) dos Mil Platôs, do maquinismo desejanete e da servidão maquínica.



Tabela 1. Identidade. Experiências em práticas de Laboratórios, Pedagogia dos Objetos e das Palavras. Núcleo de Ruralidades, Programa CPDA, 2005-2015

<p><b>Terra Mãe</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH-1505 - Teorias sobre as sociedades contemporâneas, 1º Semestre de 2005.</p>	<p><b>Me conhecer-nos: O poço</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527 – Natureza e Sociedade, 1º semestre de 2011</p>
<p><b>Sem identificação</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527- Natureza e Sociedade 2º semestre de 2005</p>	<p><b>ETNOP</b> (Escrita invertida de Ponte)</p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527 – Natureza e Sociedade, 1º semestre, 2012.</p>
<p><b>Ahn!!!</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH-1505-Teorias sobre as Sociedades Contemporâneas. 1º semestre, 2006</p>	<p><b>Desafio e tempestade numa miscelânea de ideias: retratando a experiência e compartilhando imaginários por nós mesmos</b></p> <p>Pedagogia das palavras. IH 1527 – Natureza e Sociedade. 2º semestre, 2013.</p>
<p><b>Caleidoscópio</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527 – Natureza e Sociedade, 2º semestre de 2006</p>	<p><b>O vir a ser</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527 – Natureza e Sociedade. 2º semestre, 2014</p>
<p><b>Olhares cruzados</b></p> <p>Pedagogia dos objetos. IH 1527 – Natureza e Sociedade 2º semestre, 2007.</p>	<p><b>Travessia e Olhares</b></p> <p>Pedagogia dos objetos: IH 1527 – Natureza e Sociedade. 2º semestre 2015</p>

Fonte: Arquivos do Professor

[Corte para divulgação prévia ao livro].

A forma atual daquelas práticas pode ser vista e sentida nas análises dos Laboratórios da turma de 2014 (Tabela 6) realizados pelos próprios *pesquisadores-participantes*.

***O vir a ser, IH 1527 Natureza e Sociedade, 2014***<sup>3</sup>

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Por fim cada aluno ficou com responsabilidade de dar nome ao grupo composto por todos os envolvidos de modo a que este representasse não só o desenrolar na disciplina, como a experiência de manipular e classificar os objetos ao longo do semestre. Ao mesmo tempo, essas linhas tratam da atividade final de percepção e atribuição de sentido e consiste numa tentativa de “etnografia” de todas as etapas do processo. Se colocar no lugar de observador quando se faz parte da experiência é algo se realizar.

<sup>3</sup> Coletânea 8. Análise I. Com base em todas as coletâneas e seus escritos faça um “descrição da nossa pedagogia dos objetos (Orientação do Professor)

Talvez esse seja um dos ensinamentos da disciplina: se colocar no lugar do outro e falar do “outro” quando este também é você mesmo, se colocando de fora de algo que se fez e faz parte o tempo todo, é tão difícil quanto separar natureza e cultura, esforço que o pensamento científico hegemônico espera que façamos desde alguns séculos. (3. Marcius Vinicius Coutinho, 2014)

A turma de 2015 foi estimulada a fazer uma avaliação em grupos, visando a proposição de uma nomeação para as atividades do semestre (aulas teóricas e práticas), denominada de Nomeando as interações com os objetos (Coletânea7). Essas discutidas no Laboratório seguinte, gerou a identificação final da Comunidade, *Travessia e Olhares, IH 1527 Natureza e Sociedade, 2015*.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Tabela 2. Comunidades, experiências e análises. Código da Disciplina, Ano	
<p><b>Terra Mãe</b></p> <p>01. Eu sou... Minhas expectativas...</p> <p>02. O que este objeto me afeta?</p> <p>03. O mesmo e o diferente.</p> <p>04. A coisa e a vela acesa</p> <p><b>05.</b> A coisa, a vela e as moedas</p> <p>06. A coisa: a presença da ausência</p> <p>07. O globo e a coisa: atribuindo significados</p> <p>Análise I. Ambiência</p> <p>Análise II. Eu e os outros (tentando comparar...)</p> <p>Análise III. Narrativas no tempo</p> <p>IH-1505, 2005</p>	<p><b>(Sem registro)</b></p> <p>1. Olhando para os objetos. O afeto</p> <p>2. São os mesmos objetos? O mesmo?</p> <p>3. Refletindo sobre o oculto.</p> <p>4. Três ou quatro vasos?</p> <p>5. Ou não?</p> <p>6. O fogo.</p> <p>7. O conjunto.</p> <p>8. A ausência.</p> <p>9. Construindo o “sentido”.</p> <p>Análise 1. Etnografia.</p> <p>Análise 2. Analisar conjuntos</p> <p>Análise 3. Acompanhar e analisar dois participantes nas nove experiências</p> <p>IH 1527, 2005</p>

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Hoje, com Deleuze e Guattari (1995, 39- 52) do *1914- Um só ou Vários Lobos*, nos possibilita sentir na multidão de vasos, o poder do bando e da matilha, e mesmo o revoar de um bando de pássaros, cujo movimento aberto múltiplo intenso, que fazer a periferia virar centro com a frente se deslocando em possíveis lideranças mutáveis e instantâneas imprime ao evento e aos nossos olhos e coração a presença de uma

individuação sem sujeito, dos filósofos, que, agora, instantaneamente, me faz atribuir novos sentidos à multidão e seu poder em Hardt e Negri (2001), em o Império, ao tentar compreender a politicidade de um novo viver imperial, sem fronteira, que atua, ordena, explora e se territorializa em um só mundo sem fronteira, o planeta Terra, que tem toda a humanidade sobre seu domínio, possibilitando assim compreender o

Tabela 3. Comunidades, experiências e análises, Código da Disciplina, Ano	
<p><b>Ahn!!!, Andarilho-sereia!!!</b></p> <p>I: Apresentação            II. O afeto das peças sobre a mesa            III. São os mesmos objetos?            IV. Percebendo para além do olhar            V. A parada (um minuto de silêncio).            VI. A presença da ausência. O passado atualizado.            VII. A presença da ausência. O passado atualizado</p> <p>Análise I. Etnografia do Ahn!!! (surpresa)            Análise II. Analisar os registros            Análise III (em textos) escolha de um objeto que representasse a Comunidade</p> <p>IH-1505, 2006</p>	<p><b>Caleidoscópio</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Observando os objetos</li> <li>2. São os mesmo objetos?</li> <li>3. Os objetos e os sentidos – para além do olhar.</li> <li>4. Objetos diversos, arrançados parte na vertical, parte na horizontal. Duas velas acesas, flores, figuras de bonecos, carranca e cristal. (Analisar após sorteio de uma mensagem do I Chig, por cada alunos).</li> <li>5. Os relógios, as moedas, os cadeados.</li> <li>6. Construir uma escultura com argila.</li> <li>7. Atribuindo um sentido comum para o conjunto das experiências.</li> </ol> <p>Seminários finais, sem a fase de análises das experiências.</p> <p>IH 1527, 2006</p>

fenômeno da multidão, como as matilhas, os pássaros, os cardumes os tornados e os furacões, colocar-se na cena política mundial como uma força sem sujeito, como um verdadeiro poder da individuação coletiva, pura hecceidade que teria se expressados nas grandes imigrações do século XIX, fundamentalmente em direção às Américas, e no passado mais distante, naquilo que significou as migrações forçada de pássaros negros, apreendido pelas força dos nascentes impérios modernos, na escravidão africana e nas guerra da conquista, que de um lado, controla e força multidões de escravos e de outro, extermina culturas ameríndias, também as corporalidades de dimensões significativas dos povos pré-colombianos, matriz fundadora da acumulação primitiva, como falava Marx, a verdadeira essência da hecceidade, das individuação se sujeito da mundialização capitalista instituindo do mundo moderno, fluxos de objetos vivos escravizados, fluxos de navegações, fluxos de mercadorias (mercantilismo), fluxos de

Galeria 2. Fotos alusivas aos Instrumentos de Laboratório, 2005-2015



guerras de extermínio e conquista, fluxos tecnocientíficos, desde o Renascimento. Hoje os espantosos fluxos globalizados direção ao centros polimorfos deste Império e suas multidões falando, nas ruas, praças e campos, nos fluxos financeiros e no youtube da internet, das coisas e pensamentos. Lá na multidão dos vasos que da comunidade Ahn!!! Que escolheu após acirradas discussões mesclar o Andarilho e a Sereia, como que seres de uma outra em espantando de incompreensão do presente das globalizações.

Ainda na Tabela II, a comunidade do Caleidoscópio, expressando também a multiplicidade em movimento dos cristais que refletidos em um tubo triangular de espelho nos apresenta eventos únicos que não repetem, e nos cativam em nossa infância lúdica adormecida. Na experiência 4, o professor introduz uma chave analítica enunciada por mensagem do I Ching, que impressas em pequenos papéis, estes enrolados e acolhidos em cápsulas tais como comprimidos. Cada aluno escolhia uma cápsula ao acaso e deveria impregnar-se da mensagem-ensinamento oriental, e a partir de seu significado interpretar o fenômeno dos objetos diversos daquela experiência, 1 arranjos parcialmente na vertical em alusão ao totem da comunidade dos Vasos de cerâmica, com duas velas acesas, flores, figuras de bonecos, carranca e cristal espalhados na horizontal. Em uma mistura de mistério e expectativa do inusitado fazia dos corpos dos observados participantes pura corpos em-moção, inquietos e atentos, abertos ao lúdico, à sorte e ao oráculo do I Ching, cuja mensagem revelaria o mistério daquilo tudo dando significado.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Tabela 4. Comunidades, experiências e análises, Código da Disciplina, Ano	
<p><b>Olhares cruzados</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Os objetos da mesa</li> <li>2. São os mesmo objetos?</li> <li>3. Para além dos sentido do olhar..., manuseando os objetos um a um.</li> <li>4 . O que o evento da expansão dos objetos sobre a mesa lhe sugere?</li> <li>5.A presença da ausência em um novo contexto.</li> <li>6. Trabalho em Grupos.</li> </ol> <p>(O resultado foi: O processo de validação do conhecimento, Multiplicidade e coletividade, Olhares cruzados no tempo.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>7. Os alunos foram estimulados a propor e debater sobre um nome dentre os três: Olhares cruzados, foi o vencedor</li> </ol> <p>IH-1505, 2007</p>	<p><b>Me conhecer-nos: O poço</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 - O afeto dos objetos.</li> <li>2 – Os mesmos... (Enunciado: São os mesmos objetos? São três ou quatro?)</li> <li>3 - Os sentidos e a preferência</li> <li>4 . Complexificando os objetos em busca de interpretações.</li> <li>5 – Escolhas.</li> <li>6 – Manipulando argila e construindo objetos</li> </ol> <p>Construa, em cerca de 20 minutos um objeto com este bloco de argila, e registre suas</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>7 – A última - Me conhecer-nos: O poço</li> </ol> <p>Análise 1 – <b>Me conhecer-nos: O poço.</b> IH 1527, 2011</p>

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Tabela 5. Comunidades, experiências e análises. Código da Disciplina, Ano	
<p><b>ETNOP</b> (Escrita invertida de Ponte)</p> <p>1. O afetos dos objetos (09/03/2012) 2. Os mesmos ou outros? (23/03/2012) 3. Os objetos e os sentidos do corpo (30/03/2012) IV. Acolhendo novos objetos (13 /04/2012) V. Construindo significações (20/04/2012) VI. Representação Simbólica (27/04/2012) VII. Nomeando e produzindo sentido (18/05/2012)</p> <p>Análise I. Descrição de ETNOP (25/05/2012) Análise II. Dois no tempo (18/05/2012) Análise III. Etnop em três momentos</p> <p>IH 1527, 2012</p>	<p><b>Desafio e tempestade numa miscelânea de ideias: retratando a experiência e compartilhando imaginários por nós mesmos.</b></p> <p>1. Arco Iris 2. CORRA 3. RIO 4. AGRI:CULTURA 5. Natural:mente 6. Silêncio 7. Fracasso 8. Religar</p> <p>Análise I. A sua “interpretação” sobre essas atividades. Análise II. Fragmentos. Análise III. Nomeando e definindo a experiência.</p> <p>IH 1527, 2013</p>

A comunidade de 2013, a única com o nome tão grande, decidiu pela pedagogia das palavras e não dos objetos mudando sobre maneira o ambiente do Laboratório, aquele ambiente foi distinto dos demais que merece uma análise mais profundas em seus resultados, que por sinal também foram interessantíssimos, terminando com a análises que com a identificação que terminou fundindo em uma só diversas propostas de nomeação, certamente gerando um consenso.

Vejamos a especificidade alguns indicadores do Laboratório com palavras na narrativa dos *observadores e pesquisadores-participantes*.

**Desafio e tempestade numa miscelânea de ideias: retratando a experiência e compartilhando imaginários por nós mesmos**, (IH 1527 Natureza e Sociedade, 2013 Pedagogia das palavras)<sup>4</sup>

Acho que pedagogicamente a atividade foi bastante interessante e positiva. Como nunca havia feito nada parecido, no início fiquei receoso, puro medo do desconhecido. Não que a tarefa fosse difícil ou complexa, é que tenho dificuldade em lidar com coisas cuja

<sup>4</sup> Análise I. Considerando o conjunto das experiências, de 1 a 8, escritas sobre as palavras e as práticas de leitura e reflexão conjunta, escreva, não mais que uma página, sobre: A sua “interpretação” sobre essas atividades. Entenda a “interpretação” em um sentido “frouxo”, que pode expressar, “sentimentos”, “etnografia”, “significado”, “sentido” e/ou “sensações”. A “interpretação deve se narrada a partir dos registros empíricos das 8 coletâneas e suas experiências nas leituras coletivas. (Orientação do Professor)

utilidade final eu não conheça com clareza. É como o medo de entrar numa curva cujo final não se enxerga de antemão, eu sou daqueles que reduz a velocidade nessas situações. De qualquer modo, minha avaliação é que rapidamente alguns efeitos positivos surgiram e eu fiquei mais à vontade. Pra mim, o primeiro deles foi na integração da nossa pequena turma. O exercício de compartilhamento das impressões sobre as palavras sempre foi evidentemente carregado de experiências pessoais muito próprias. Sempre se pode perceber referências à infância, à família, ao dia-a-dia, lembranças do passado, do presente, mas que de certa forma são partilhadas por todos, e isso, creio, nos aproxima um pouco, ajuda a quebrar o gelo da aula, a formalidade da classe e da relação entre nós. E aqui já vejo o segundo “efeito”. Pessoalmente, acho que esse pequeno momento de descontração é importante. Assim como um intervalo é importante para o corpo físico se recompor, para esticar as canelas e curar a impaciência dos músculos enrijecidos, eu passei a ver essa nossa atividade como um “intervalo intelectual” semanal. Não deixava de usar o cérebro, a mente, de fazer algum esforço intelectual, mas ele era diferente, exigia de tal forma uma abstração das operações mentais cotidianas que me ajudava a desligar disso por alguns minutinhos. Tanto na hora de redigir os textinhos como na aula, era como se desse uma espreguiçada cerebral rsrs. Minha primeira avaliação, portanto, é de que foi bastante proveitoso, num aspecto assim bem geral, pedagógica e pessoalmente falando.

Mais especificamente, sobre os textos das atividades, relê-los foi bastante interessante. Primeiro pois tenho na mente guardadas as lembranças desses momentos da leitura em sala, lembro das surpresas com os pensamentos dos colegas quando detalhavam coisas que pra mim também faziam todo sentido, mas não tinham sido minha primeira impressão. Um desses dias foi o da palavra Rio, que assumiu os significados de cidade, de água corrente em seu curso natural, do verbo rir em primeira pessoa, etc, e depois, do vídeo “Terapia do Riso”. Segundo, pois agora que conheço a voz das pessoas e o modo como elas leem, ouço na minha cabeça o “jeitinho” de cada um, como se estivessem, um por um, ditando o texto pra mim, uma experiência muito agradável. A observação da leitura em sala aqui mostrou que funcionou.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

A aparente laconicidade em descrição dos processos etapas da Pedagogia em Laboratórios, de ETNOP, Via a Ser e Travessia e Olhares se confronta com a riqueza vista nos relatos e análises do *observadores e pesquisadores-participantes* as análises

dos relação descrição do método do laboratório Os registros – *de campo* – semanais tende a acolher e registrar a riqueza dos fenômenos vividos no momento mesmo em que são vividos e, nos permitem no futuro nos aproximarmos dos movimentos sedutores dos afetos no processo de conhecimento que esta pedagogia facilita; de outro lado, esta laconicidade expressa nas categorias gerais do método também revela o que foi criado, testado e legitimado: uma Metodologia dos Afetos em Laboratório.

Quem sabe futuros livros e artigos possam emergir deste banco de dados. Certamente os participantes-observadores que se interessarem em alguma aventura analítica contarão

Tabela 6. Comunidades, experiências e análises. Código da Disciplina, Ano	
<p><b>Pedagogia dos objetos: O vir a ser.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A recepção dos objetos.</li> <li>2. Ampliando a percepção e o objeto não identificado</li> <li>3. Os não-conhecidos.</li> <li>4. Ampliando o universo.</li> <li>5. Disputa por classificação.</li> <li>6. Construindo sentidos.</li> <li>7. Em busca de interpretação e identificação das experiências.</li> </ol> <p>Análise I. Uma “descrição”: O grupo do Vir a Ser. IH 1527, 2014,</p>	<p><b>Pedagogia dos objetos: Travessia e Olhares</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Afetos primeiros</li> <li>2. Expansão dos afetos</li> <li>3. Novos objetos e o desconhecido</li> <li>4. Reflexão induzida</li> <li>5. Cristais e vidros.</li> <li>6. Que mundo é este?</li> <li>7. Nomeando as interações com os objetos</li> </ol> <p>Análise 1: Análise e interpretação comprada IH 1527, 2015</p>

com meu apoio, estímulo e a parceria.

Comunidade	Registros de experiências
Terra Mãe, 2005	O1. Eu sou... Minhas expectativas...
Sem registro, 2005	2. São os mesmos objetos? O mesmo?
Ahn!!!, 2006	III. São os mesmos objetos?
Caleidoscópio, 2006	4. Objetos diversos, arranjados parte na vertical, parte na horizontal.
Olhares Cruzados, 2007	5. A presença da ausência em um novo contexto.
Me conhecer-nos, 2011	6. Manipulando argila e construindo objetos
ETNOP, 2012	VII. Nomeando e produzindo sentido
Desafio e tempestade numa miscelânea de ideias: retratando a experiência e compartilhando imaginários por nós mesmos, 2013.	8. Religar
O vir a ser, 2014.	1. A recepção dos objetos.
Travessia e Olhares, 2015	2. A expansão dos afetos



Para finalizar, uma visada do mundo revelado, e visando humanizar essa apresentação da metodologia do Laboratório no tempo (2004-2015), finalizo trazendo narrativas dos Laboratórios de 2013, 2014 e 2015 em análises dos próprios *observadores, pesquisadores- participantes*.

### **Travessia e Olhares: Que mundo é este?**<sup>5</sup>

Os objetos presentes eram os mesmos do encontro anterior, com o acréscimo do globo terrestre. Este objeto me chamou a atenção desde o início. Trata-se de um globo invertido. Um mundo invertido. Me sugeriu algumas analogias sobre a relação colonizador x colonizado. Pude vislumbrar uma América do Sul ocupando o norte e vice-versa. Curioso como a inversão de um mapa pode provocar reflexões.

O material produzido, até agora, na pedagogia dos objetos é muito rico pelas reflexões que pode provocar. São muitas versões, olhares, representações e distintos conhecimentos para dar sentido e orientar a relação com eles. A fato de Roberto ter apenas nos orientados a escrever a partir de nossas sensações talvez tenha ampliado muito as possibilidades que viriam, e elas vieram.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Lançamos mão de distintos repertórios para escrever sobre os objetos. Cabe aqui uma analogia aos próprios objetos que investigamos na academia. Esta produz inúmeras versões sobre os mesmos objetos, ou enquadra uma mesma realidade dentro de distintos objetos. Essas versões e enquadramentos sempre possuem nuances da subjetividade de quem os faz, às vezes assumidas, às vezes não. (Adriano de G. Forigo, 2015)

Como trabalhado no primeiro módulo, ao falar de natureza estou referindo-me de acordo com o meu imaginário, ou melhor, com o imaginário social da sociedade, internalizado em minha mente pelos processos de socialização e individuação que vivi. Dessa forma, entre as diversas noções e conceitos de cultura, minhas análises apoiam-se em compreensão da cultura como visão de mundo, modo de ver, estar e de agir nesse mundo (MOREIRA, 2007). Tendo a cultura como um sistema de significação, onde conceito de natureza pode ser variável de sociedade para sociedade, foi possível perceber através da pedagogia dos objetos as diferentes interpretações dos colegas acerca dos mesmos objetos. No meu caso em todos os relatos não consegui deixar as

---

<sup>5</sup> IH 1527, 2015. Coletânea 6, Arquivo do Professor.

lembranças pessoais passar despercebidas. Não tive a sensibilidade, reflexões mais abstratas que muitos dos meus colegas demonstraram durante a disciplina, posso dar como exemplo o globo da aula passada que estava virado, de cabeça para baixo, tenho minhas dúvidas se atentaria para este detalhe caso minha colega não falasse. Dessa maneira, acredito que o mundo dos objetos é o mundo das sensações, dos afetos, da percepção individual de cada um de nós. (Fabiane Dalla Nora, 2015)

*O mundo não objetivo dos objetos*

O mundo dos objetos se revela como a objetivação de intersubjetividades. De antemão, vale afirmar a impossibilidade de uma objetivação ou de uma subjetivação plena: é um mundo-sistema de relações. Este só existe pela presença de objetos a serem interpretados e sujeitos que os interpretam. Localizamos aí o sentido de movimento cíclico, a vida dos objetos [em outras palavras, se não há interação, não há vida]. Sugerimos, portanto, o sentido primeiro do mundo dos objetos: *as relações em movimento*. Partindo deste sentido, refletimos sobre o *sentir*.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

*Perceber, nomear, sentir, falar e escrever. Construir e desconstruir.*

A primeira atividade teve a virtude de despertar em nós inquietações e incômodos iniciais ao nos propor a pensar, falar e escrever sobre o simples a nossa frente. A cada segunda-feira os objetos novos contrastam com a fala das percepções dos antigos. Falas carregadas de motivações que traz a tona a biografia viva de alguns a percepções mais abstratas e filosóficas de outros.

E neste caminhar de objetos o globo terrestre invertido ao ser observado com mais cuidado nos demonstra que o mundo é um enorme polo de forças, produtor de uma multiplicidade quase que infinita de territórios físicos e mentais. Povoado pelas mais distintas raças, e por uma infinidade de combinações genéticas em uma espécie de globalismo do genoma, manifestado em culturas que se ressignificam em identidades nos indivíduos a todo o momento. Estas que por sua vez são menos rígidas a partir do momento em que o tempo e a distância são encurtados por tecnologias construídas pela racionalidade humana.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Dentro deste globo estamos cada vez menos isolados. (Maria Morena Martins, 2015)

*Dinâmica guiada por pelo globo*

“Que mundo é esse?” Indaga o globo que tem o norte no sul. Impossível não lembrar Garcia Torres, uruguaio capaz de virar o mundo e trazer o olhar para a América do Sul. Nuestro norte es el sur. Está aí a conexão entre os objetos. Todos fazem parte da vida nesta Américacheia de pré-noções construída na mente de quem apenas imagina o mundo além do próprio umbigo. Bolinhas de gude giram e no seu giro percorrem favelas e asfaltos, campos e cidades, de sul a norte deste continente, no impulso dado pelos dedinhos infantis, sem cor, sem gênero, sem idade, de várias nações, vários lugares. Crianças seguem catando pedrinhas coloridas, olhando para dentro dos seus sonhos, em espanhol, português, guarani... Um caleidoscópio de culturas, saberes, que se entrelaçam, conectam, constroem e desconstroem, como as figuras do brinquedo infantil. Neste mundo complexo visto de ponta cabeça, como a imagem refletida na bola de cristal, cabem milhões de sonhos, milhões de vidas. Cada vida como um grão de areia dentro de uma garrafa. Vidas próximas, semelhantes, mas diferentes, formando um todo perfeito em suas imperfeições. Os cristais, manipulados, polidos, transformados pelas mãos de sua gente, são símbolos de seu trabalho, sua luta, suas histórias. Histórias bem maiores que as minhas, que na pequenês dos meus vinte e poucos anos de sonho, de sangue e de América do Sul, ainda não sei o que a força deste destino me reserva. (Thaís Eletherio Cordeiro, 2015)

No sentido de formulação de uma resposta para a questão relativa a uma definição do mundo em consonância com os objetos apresentados, desde logo ressalta a observação de que esse mundo, representado pelo globo, se encontra com os polos invertidos. Poderíamos então afirmar que estamos perante um mundo às avessas, altamente modificado, e cuja forma de funcionamento, é possivelmente incompreendida pela maioria de seus habitantes. Permitiu-se-nos assim uma ideia de que o globo reproduz um mundo paralelo. Um mundo representativo de uma realidade similar, onde os objetos retratam as familiaridades desse paralelismo. Um mundo diferente, porque de polos invertidos, semelhante, porque outra realidade - num sentido da existência de diversas Realidades – mas espelho do nosso próprio mundo. Nesse sentido, recuperando o discurso do exercício anterior, onde nos focalizamos na questão da pós-modernidade, e da complexidade a si subjacente, poderíamos falar dessas transformações ao longo do período humano e apresentar a sua relação com os objetos, perspetivando talvez os caminhos futuros.

Ocorre, no entanto, enaltecer o conceito de “Identidade singular”, inserida num universo

de diferentes “identidades”, cujo conjunto representa uma pluralidade de sujeitos, formas de pensar e modos de agir, no mundo da atualidade. Assim, as garrafas com os berlindes, os pequenos cristais, os grãos de areia formando desenhos, os cristais no caleidoscópio de madeira, as próprias partículas das pedras maiores de quartzo, das garrafas que contém os elementos referidos, e mesmo do globo de vidro, representam essa singularidade de partículas, cujo conjunto construído por si num conceito de unificação singular dessas pluralidades, se transmuta num elemento sólido de diversas identidades inseridas num conjunto. Ou seja, e fazendo a ponte para a questão do mundo atual, a cada vez mais pujante inserção das identidades singulares humanas, num mais vasto conjunto identitário, uniformizado e supostamente inócuo, a que se chama globalização. Talvez que pudéssemos representar este conceito através do globo translúcido, tomando-o como representativo de um mundo baço, espelhado, sem definição de fronteiras, credos, nacionalidades, sentimentos de pertença, em contradição com o globo colorido onde se representam tais linhas identitárias. Seremos então os sujeitos cujas identidades singulares (representadas pelas partículas presentes nos objetos) se aglomeram sobre a égide capitalista (objetos em si, fruto da fusão das diferentes singularidades) na paulatina construção de uma cultura uniformizadora representativa da globalização. (Olegário Nelson Azevedo Pereira, 2015)

#### *O globo de ponta à cabeça e a pedagogia dos objetos*

O globo terrestre de ponta à cabeça pode-nos ser útil para expressarmos os sentidos e objetivos da pedagogia dos objetos. Como no senso comum ou no julgamento popular, desprovido de um “adequado” entendimento das transformações ou fenômenos físicos e sociais, poderíamos simplesmente afirmar que o mundo está de cabeça para baixo. Poderíamos também assumir essa afirmação como uma metáfora das transformações sociais e fornecer um entendimento à luz de nossos estudos escolares e acadêmicos. O globo de ponta à cabeça ao eixo terrestre – a troca dos pólos terrestres (o pólo norte no lugar do pólo sul e vice versa), a mudança de hemisférios (o norte no lugar do sul e vice versa) – mudaria drasticamente a interpretação do mundo, tanto com relação aos fenômenos físicos quanto os ditos sociais. Vale dizer, isso acarretaria a mudança nas bases de diversas das interpretações mais consagradas de que conhecemos, a saber, em muitas das regras e convenções adotadas que orientam nosso entendimento e representação do mundo. Que sentido teria, por exemplo, o chamado conflito norte x sul e a nova ordem mundial?

O mini globo de pólos trocados, no entanto, não seria necessário para podermos dizer o que se pretende com relação ao sentido da pedagogia dos objetos, mas, como uma metalinguagem, serve-nos como uma instigação pedagógica para tal interpretação. Pois, o globo terrestre colocado de maneira “correta” indica-nos um sistema de convenções criado para nos orientar no mundo: pólos norte e sul; hemisférios norte e sul; as direções cardeais; a linha do Equador, etc. Porém, seja o globo disposto do modo convencionalmente adotado ou de ponto à cabeça, interessante é notar que podemos olhar a mesma coisa, mas enxergá-la de maneiras distintas. Uma das razões é que isso depende do referencial. Se pudéssemos esquecer todas as convenções acima mencionadas ou recriá-las, como poderíamos indicar ou situar o norte, o sul, o leste, o oeste da Terra? Da mesma maneira, se olhássemos a Terra do Universo, como poderíamos fazer isso? Nosso referencial não é apenas a local ou posição de onde observamos dado objeto, mas a mais diversa carga teórica, política, psicológica, emocional, espiritual, das relações inter e intrapessoais, que carregamos conosco ao longo de nossas vidas. Vale dizer, que não apenas às pessoais e coletivas limitadas ao tempo biológico específico de nossas vidas individuais, mas anteriores a nós. Portanto, talvez por isso, quando fazemos nossos projetos acadêmicos ou científicos indicamos nosso referencial teórico-conceitual-metodológico, para dizer aquilo que nos orienta naquilo que enxergamos de um objeto, mas que, por diversos motivos, não apontamos todos ou ao menos alguns outros tão importantes quanto aqueles. (Marcos Vinicius Martins Pereira, 2011)

### **Destaques finais sobre o Laboratório e a tecnociência**

Na dinâmica destes laboratórios os alunos passavam de *participantes*, a *participantes-observadores*, no contexto da 1ª etapa do Laboratório, para a posição de *pesquisador-participante*, na 2ª etapa. Utilizaram narrativas sintética para os registros que, como fundamento do método, só seriam lidas e discutidas na semana seguinte. Na mediação e representação e produção dos afetos, e de seus registros, manipulam-se os equipamento de Laboratório. No ambiente físico do das aulas teóricas criava-se, subjetivamente o ambiente do Laboratorio. Procurou-se, nos trabalhos em grupo, fazer com que o sorteio prevalecesse na composição de grupos, quando ocorresse, e na escolha do material, com chaves e propostas de análise a serem descoberta no manuseio do material. A mediação eletrônica e a produção de um banco de dados foi necessária para a possibilitar da etapa dois de análise propriamente dita.

Em todas as aulas registros das experiências anteriores eram apresentados, discutidos e comparados. Fragmento 2. Cumpre destacar que o acaso na metodologia de composição das duplas. A cada experiência cabia ao professor postular as atividades e, se necessário, nomeá-las, para facilitação do diálogo. Parece que a dinâmica de produção de sentido para o conjunto do Laboratório de cada turma foi fundamentais para a construção de uma identidade comum e de um sentido de coesão que potencializava as atividades. Adotou-se uma certa flexibilidade, tendo sempre em mente uma construção com os alunos das atividades, desde a primeira fundamental. Quê Mundo é este, o do Laboratório?

Sem excessão todos os alunos da comunidade Travessia e Olhares, referem-se ao Globo invertido da experiência.

“Um mundo invertido. Me sugeriu algumas analogias sobre a relação colonizador x colonizado. Pude vislumbrar uma América do Sul ocupando o norte e vice-versa. Curioso como a inversão de um mapa pode provocar reflexões.”

“Não tive a sensibilidade, reflexões mais abstratas que muitos dos meus colegas demonstraram durante a disciplina, posso dar como exemplo o globo da aula passada que estava virado, de cabeça para baixo, tenho minhas dúvidas se atentaria para este detalhe caso minha colega não falasse. Dessa maneira, acredito que o mundo dos objetos é o mundo das sensações, dos afetos, da percepção individual de cada um de nós”.

“O mundo dos objetos se revela como a objetivação de intersubjetividades. De antemão, vale afirmar a impossibilidade de uma objetivação ou de uma subjetivação plena: é um mundo-sistema de relações. Localizamos aí o sentido de movimento cíclico, a vida dos objetos [em outras palavras, se não há interação, não há vida]. Sugerimos, portanto, o sentido primeiro do mundo dos objetos: *as relações em movimento*. Partindo deste sentido, refletimos sobre o *sentir*. O que, nessa relação, orienta nossa interpretação ou a co-construção de mundo? Assim, “mundo dos objetos” resulta da intersecção entre mundos, como objetivação de intersubjetividades.”

“Localizamos aí o sentido de movimento cíclico, a vida dos objetos [em outras palavras, se não há interação, não há vida]. Sugerimos, portanto, o sentido primeiro do mundo dos objetos: *as relações em movimento*. Partindo deste sentido, refletimos sobre o *sentir*. O que, nessa relação, orienta nossa interpretação ou a co-construção de mundo?

Assim, “mundo dos objetos” resulta da intersecção entre mundos, como objetivação de intersubjetividades.”

Que mundo é esse?” Indaga o globo que tem o norte no sul. Impossível não lembrar Garcia Torres, uruguaio capaz de virar o mundo e trazer o olhar para a América do Sul. Nuestro norte es el sur. Está aí a conexão entre os objetos. Todos fazem parte da vida nesta América cheia de pré-noções construída na mente de quem apenas imagina o mundo além do próprio umbigo.

Crianças seguem catando pedrinhas coloridas, olhando para dentro dos seus sonhos, em espanhol, português, guarani... Um caleidoscópio de culturas, saberes, que se entrelaçam, conectam, constroem e desconstroem, como as figuras do brinquedo infantil. Neste mundo complexo visto de ponta cabeça, como a imagem refletida na bola de cristal, cabem milhões de sonhos, milhões de vidas. Cada vida como um grão de areia dentro de uma garrafa. Vidas próximas, semelhantes, mas diferentes, formando um todo perfeito em suas imperfeições. Os cristais, manipulados, polidos, transformados pelas mãos de sua gente, são símbolos de seu trabalho, sua luta, suas histórias. Histórias bem maiores que as minhas, que na pequenês dos meus vinte e poucos anos de sonho, de sangue e de América do Sul, ainda não sei o que a força deste destino me reserva.

Histórias bem maiores que as minhas, que na pequenês dos meus vinte e poucos anos de sonho, de sangue e de América do Sul, ainda não sei o que a força deste destino me reserva.

O mini globo de pólos trocados, no entanto, não seria necessário para podermos dizer o que se pretende com relação ao sentido da pedagogia dos objetos, mas, como uma metalinguagem, serve-nos como uma instigação pedagógica para tal interpretação. Pois, o globo terrestre colocado de maneira “correta” indica-nos um sistema de convenções criado para nos orientar no mundo: pólos norte e sul; hemisférios norte e sul; as direções cardeais; a linha do Equador, etc. Se pudéssemos esquecer todas as convenções acima mencionadas ou recriá-las, como poderíamos indicar ou situar o norte, o sul, o leste, o oeste da Terra? Da mesma maneira, se olhássemos a Terra do Universo, como poderíamos fazer isso? Nosso referencial não é apenas a local ou posição de onde observamos dado objeto, mas a mais diversa carga teórica, política, psicológica, emocional, espiritual, das relações inter e intrapessoais, que carregamos conosco ao longo de nossas vidas. Portanto, talvez por isso, quando fazemos nossos projetos acadêmicos ou científicos indicamos nosso referencial teórico-conceitual-metodológico,

para dizer aquilo que nos orienta naquilo que enxergamos de um objeto, mas que, por diversos motivos, não apontamos todos ou ao menos alguns outros tão importantes quanto aqueles.

Harari (2015, p. 2015) sintetiza a aventura da “descoberta da ignorância”, do *Homo Sapiens*. Tomo a liberdade de transcrevê-lo, em fragmentos.

“Os últimos quinhentos anos testemunhara um crescimento fenomenal e sem precedentes no poder humano. No ano de 1550, havia cerca de 500 milhões de *Homo sapiens* em todo o mundo. Hoje há 7 bilhões. Estima-se que o valor dos bens e serviços produzidos pela humanidade no ano de 1500 era 250 milhões de dólares. Hoje, o valor de um ano de produção humana é aproximadamente 60 trilhões de dólares.. Em 1500, a humanidade consumia por volta de 13 trilhões de calorias por dia. Hoje, consumimos 1,5 quadrilhões de calorias por dia (preste atenção nesses números: a população humana aumentou 14 vezes; a produção 240 vezes; e o consumo de energia, 115 vezes”. (Harari, 2015, p. 257). Suponha que um navio de batalha moderno fosse transportados de volta à época de Colombo. Em questão de segundos, poderia destruir a *Niña*, a *Pinta* e a *Santa Maria* e em seguida afundar as esquadras de cada uma das grandes potências mundiais da época sem sofrer um arranhão sequer.” (Harari, 2015, p. 257). Harari segue comparando os diferenciais de transporte de carga, de armazenamento de palavras – computador-pergamino); as cidades e suas edificações. “O sol se punha, a cidade ficava um breu, com uma ou outra vela tremeluzindo na escuridão.” Comparando com São Paulo, Nova York ou Mubai de hoje. (Harari, 2015, p. 258).

Se pensarmos na inversão ainda em 1500, as guerras de conquista das Américas e extermínio de culturas e povos ameríndios, a exemplo, da costa Atlântica brasileira, com povos caçadores-coletadores nômades, como uma agricultura incipiente, em sua maioria, como tecnologia da era da pedra, sem linguagem escrita, comparado com o poder tecnológico ibero-português, a imagem é extremamente perversa, não; desde diferencial a escravidão e o poder do capital mercantil, da acumulação primitiva: pura servidão maquínica da máquina de guerra do expansionismo europeu..

“Antes do século XVI, nenhum humano havia circum-navegado a Terra. Isso mudou em 1522, quando a expedição de Magalhães regressou a Espanha, após uma viagem de 72 mil quilômetros. Levou três anos e custou a vida de quase todos os membros da tripulação, Magalhães incluído.” Hoje, qualquer pessoa de classe média pode circum-navegar a Terra de maneira fácil e segura em 48 horas.( Harari, 2015, p. 258) . “Em 1500, os humanos podiam construir torres e escalar montanhas, mas o céu era reservado para os pássaros, anjos e deidades.



Em 26 de julho de 1969, os humanos aterrissaram na Lua. Essa foi não só uma conquista histórica como também um efeito evolutivo cósmico'. (Harari, 2015, p. 258).

Harari vai assim apontando, os humanos nada sabiam sobre 99,99% dos organismos do planeta; micro-organismos, inclusos. “Cada um de nós carrega dentro de si bilhões de criaturas unicelulares” (amigas ou inimigas). “Só em 1674 um olho humano viu um micro-organismo pela primeira vez”. “Durante os 300 anos seguintes os humanos se familiarizaram com uma enorme quantidade de espécies” (Harari, 2015, p. 259). Com a tecnociência de hoje, “projetamos bactérias”.

“O momento mais notável e definidor dos últimos 500 anos ocorreu às 5h29m45s da manhã de 16 de julho de 1945. Naquele segundo exato, cientistas norte-americanos detonaram a primeira bomba atômica em Alamogordo, Novo México. Daquele ponto em diante, a humanidade teve a capacidade não só de mudar o curso da história como também de colocar um fim nela” (Harari, 2015, p. 259)<sup>6</sup>.

O relato da tecnociência tendo como sujeito principal a humanidade não explica a tecnologia e as armas de guerras, da conquista colonial, da escravidão negra, das lutas de libertação nacional, das Guerras Napoleônicas, da 1ª e 2ª Guerras Mundiais, da Guerra Fria e o sempre poderoso complexo industrial-militar de nações e multinacionais. Fiquemos por aqui, ainda nos perguntando quê mundo é este da civilização capitalista?

Se aceitarmos, como postulamos em “*A pedagogia dos afetos em Laboratórios: um construção coletiva*”, que os afetos estão associados às dimensões consciente e inconsciente da Vida, São concretudes de fluxos que atuam em nós e nos movem; como nos são inconsciente mas atuante em nós. Ou seja, os intuímos, ou sentimos, podemos chama-los de forças divinas ou diabólicas, não? Já demonstramos que para muitas coisas não temos palavras para dizê-las. Essas coisas podem ser almas concretas – dos fluxos energéticos – ou imaginação sobre a ação do divino. Se vários creem que são uma coisa, ou outra, ela passa a ser a verdade, e real. Que na esfera do assignificante (inconsciente profundo) opera a *servidão maquínica* e na esfera do significante (do consciente da cultura) opera a sujeição social; o domínio técnico-científico em uma sociedade de classe, e as subjetividades-alma da realidade nos produz como almas hegemônicas, contra-hegemônicas e subalternas, em tudo deferente dos acarinhamentos das almas que sentimos e em nossos laboratórios de afetos em Laboratório. Para compreender isto, só uma esquiso-análise (Deleuze e Guattari, 1997).

---

<sup>6</sup> Aos interessados a Parte Quatro do Livro de Harari (2015) trata A Revolução Científica, (pp. 257-426)

Para além da tecnociência poderíamos fazer uma narrativa assemelhada à de Bronowski e Mazlish (1960) sobre a tradição intelectual dos processos que construíram a hegemonia eurocêntrica da modernidade capitalista até os anos 1830.

Quê mundo é este?, em três tempos, a saber:

*O mundo em expansão. De Leonardo a Galileu. 1500-1600*, com as temáticas, Leonardo e seu tempo, As cidades-estado de Itália, Thomas More, Erasmo e os humanistas, A reforma (os precursores, Lutero, Calvino, os Huguenotes franceses), A revolução científica e a A época usabelina; Maquiavel (Bronowski e Mazlish, 1960, pp 23-168);

*A época da dissensão fundamentada de Cromwell a Rousseau, 1630-1760*, onde tematizam A revolução puritana, A royal Society, Hobbes e Locke. O método de Descartes, O contributo de Pascal e Bayle, Voltaire: ciência e sátira, Montesquieu, e Rousseau (Bronowski e Mazlish 1960, pp 169-320); e, finalmente

*As Grandes revoluções; de Smith a Hegel, 1760-1830*, focando A revolução industrial, A lunar Society: homens de negócios e técnicos, Adams Smith, Benjamim Franklin, Thomas Jefferson e a revolução americana, A revolução francesa e as sequelas napoleônicas, Edmund Burke, Roberta Owen, Kant e Hegel: o emergir da história; Immanuel Kant; Georg Willhem Friedricch Hegel (Bronowski e Mazlish 1960, pp 169-320).

O globo invertido do Laboratório, sugere que essas nararativas eurocêntrica seja submetidas a uma luta discursiva que, das criticas dos estudos subalternos e (des)coloniais, coloque em cena as cosmosvisões periféricas ou subalternas (Castro-Gomes, 2005; Lander, 2005; Moreira, 2002; 2014; Quijano, 2015).

## **Bibliografia**

[Corte para divulgação prévia ao livro].